

DODSON, Aidan. Nefertiti, Queen and Pharaoh of Egypt: her life and afterlife. Cairo: The American University in Cairo Press, 2020.

Maria Eduarda Siqueira Leite

Situado entre os anos de 1337 a 1321 a.C da 18ª Dinastia do Egito Antigo, o chamado Período de Amarna se tornou objeto de grande interesse popular e acadêmico, devido às transformações religiosas implementadas pelo faraó Amenhotep IV, ou Akhenaton. Dando início ao que conhecemos hoje por Reforma de Amarna, Amenhotep IV promoveu o culto a uma forma do deus solar, intitulada Aton, em posição de destaque sobre os demais deuses egípcios, ainda que o culto a esses não tenha sido abolido. Assim, Aton se tornou a principal divindade do Egito, e em seu quinto ano de reinado, o faraó chegou a ordenar a construção de uma nova cidade, Akhetaton, “horizonte do Aton”¹ (Dodson, 2020, p. 32) — localizada no que hoje conhecemos por Tell el-Amarna —, para ser a capital do reino, além de mudar seu nome para Akhenaton, “aquele que é útil ao disco solar” (Chapot, 2015, p. 68).

Nesse cenário, outra figura de importância expressiva é a consorte do faraó, Nefertiti, que passa a ser chamada de Neferneferuaton-Nefertiti, “belas são as belezas do Aton, a bela chegou”² (Graves-Brown, 2010, p. 155). Seja por seu famoso busto, revelado ao público em 1923, ou pelas diversas representações do período nas quais ela aparece, a rainha é hoje uma das personagens mais emblemáticas do Egito Antigo. Em *Nefertiti, Queen and Pharaoh of Egypt: Her life and afterlife*³, ela se torna o ponto central de uma

¹ No original: “*Horizon of the Aten*” (Dodson, 2020, p. 32).

² No original: “*Beautiful are the Beauties of the Aten. A Beautiful One has Come.*” (Graves-Brown, 2010, p. 155).

³ “Nefertiti, Rainha e Faraó do Egito: Sua vida e pós-vida”.



produção que oferece um panorama rico em detalhes acerca dos vestígios de sua vida.

A publicação é de autoria do egiptólogo e historiador Aidan Dodson, professor honorário de Egiptologia na Universidade de Bristol, que também escreveu outros dois livros sobre o período, *Amarna Sunset: N Tutankhamun, Ay, Horemheb and the Egyptian Counter-Reformation* (2009), tratando da queda da Reforma, e *Amarna Sunrise: Amarna Sunrise: Egypt from Golden Age to Age of Heresy* (2014), explorando sua implementação. Na obra resenhada aqui, Dodson passa pelos registros que chegaram até nós sobre Nefertiti, e pelas interpretações historiográficas feitas sobre estes, combinando-as com análises próprias que são complementadas por recapitulações de como se deram as descobertas e o surgimento do interesse dentro e fora da academia pela Grande Esposa do Rei.

O primeiro capítulo do livro, intitulado *The cradle of Nefertiti*⁴, esboça o cenário em que se deu a ascensão da rainha ao posto de consorte. Nele, além de tratar brevemente sobre a passagem do governo de Amenhotep III para o de Amenhotep IV, Dodson discute quais seriam as origens de Nefertiti, citando as duas teorias principais sobre esse aspecto: a primeira aponta que ela foi uma princesa estrangeira, talvez Tadukhepa, filha do rei de Mitanni, enquanto a segunda indica que ela era filha de Ay, general egípcio que poderia ser irmão de Tiye, mãe de Amenhotep IV. Embora o único consenso entre os historiadores seja o de que Nefertiti não era irmã do marido, Dodson se posiciona em concordância com a segunda tese.

Dodson também apresenta os primeiros registros encontrados de Nefertiti, presentes nos talatats, blocos de calcário utilizados na construção de um novo complexo de templos em Karnak, com destaque para duas estruturas nomeadas *gm(t)-p3-ỉtn* e *hwt-bnbn*, identificadas por Graves-Brown (2010, p. 155-156) como *Gem Pa Aten* (O Disco Solar Foi Encontrado) e *Hwt BenBen* (Mansão da Rocha

⁴ “O berço de Nefertiti”.

BenBen)⁵. Esses blocos de Karnak se tornam especialmente interessantes para os estudiosos da rainha porque contam com representações em que Nefertiti aparece realizando oferendas ao Aton sem estar acompanhada pelo marido, o que era incomum para a arte egípcia. Além disso, especificamente no *Hwt BenBen*, uma espécie de santuário (Dodson, 2020, p. 13), a única figura representada é a dela, outra exceção no decoro artístico para rainhas do Egito.

Na segunda parte da obra, *Queen of Egypt*⁶, que contém a maior extensão dentre todos os seus capítulos, o historiador fornece uma descrição dos anos de Nefertiti como rainha. Aqui, Dodson (2020, p. 23-25) esquematiza todos os títulos utilizados por ela, como *Grande Esposa do Rei*, que comumente indicava a principal esposa do faraó, *Senhora do Alto e Baixo Egito*, cujo primeiro uso se deu pela rainha Ahhotep I, mãe do rei fundador da 18ª Dinastia, *Senhora de todas as terras*, que foi utilizado desde a faraó Hatshepsut até o começo da dinastia seguinte, e *Senhora das Duas Terras*, que faz um paralelo com um título utilizado pelo faraó.

Além disso, nessa seção o autor apresenta os vários epítetos de Nefertiti, como “aquela que alegra o coração do rei em sua casa”⁷, “senhora de todas as mulheres”⁸ e “aquela por quem o Aton nasce para louvá-la e se põe para repetir seu amor”⁹ (p. 25), citando seus possíveis significados e usos anteriores. Esse capítulo apresenta também os cartuchos do nome de Nefertiti, inclusive aquele utilizado por ela a partir do quinto ano de reinado do marido, quando há a mudança de nome para Neferneferuaton-Nefertiti.

Nesse contexto, Dodson cita como ocorrem ainda mudanças nos adereços de cabelo utilizados por Nefertiti, como a adoção da famosa coroa de topo reto

⁵ No original: “(‘The Sun Disk is Found’)” e “(‘Mansion of the BenBen Stone’)” (Graves-Brown, 2010, p. 155-156).

⁶ “Rainha do Egito”.

⁷ No original: “the one who gladdens the heart of the king in his house”. (Dodson, 2020, p. 25)

⁸ No original: “mistress of all women”. (Dodson, 2020, p. 25)

⁹ No original: “one for whom the Aten rises to give her praise and sets to repeat her love” (Dodson, 2020, p. 25).



que nunca foi utilizada por outra mulher da realeza, sendo um encaixe com a coroa azul frequentemente vista em Akhenaton. O autor trata brevemente das filhas do casal, Meritaton, Meketaton, Ankhesenpaaton, Neferneferuaton-tasherit, Neferneferure, e Setepenre, elaborando a ideia de que a presença da família real nas representações iconográficas era um elemento basilar da nova ideologia proposta pela reforma religiosa, algo que se nota com frequência na decoração de capelas funerárias. Curiosamente, os nomes e os títulos das filhas do casal são acompanhados por uma descrição de que elas nasceram da Grande Esposa do Rei Nefertiti (Dodson, 2020, p. 31), o que nunca havia acontecido antes, inclusive quando os faraós tinham outras esposas ao mesmo tempo. Para o autor, esse ocorrido demonstraria a ampla importância de Nefertiti.

Nesse capítulo, também há uma discussão acerca da possibilidade de Tutankhamon ser filho de Nefertiti e Akhenaton. Dodson (2020) aponta que a evidência-chave para que se acredite que Akhenaton foi pai de Tutankhamon é um bloco pertencente a um templo em Amarna, com a inscrição “Filho do Rei de seu Corpo, seu amado, Tutankhaton”¹⁰ (p. 47)¹¹. Ainda que o rei citado não seja especificado, o único governante que aparece nos blocos da região é o próprio Akhenaton.

Já em relação a Nefertiti, a evidência é ainda mais confusa, uma vez que a rainha nunca foi representada junto a Tutankhamon, o que não acontece com suas filhas. Contudo, o autor se guia por estudos de DNA discutidos no capítulo anterior, que concluíram que Tutankhamon nasceu da união entre um indivíduo mumificado do túmulo identificado como KV55¹², apontado por ele como Akhenaton, e de uma irmã de sangue deste, a múmia conhecida como “Dama

¹⁰ Embora o nome de Tutankhamon tenha sido alterado para referenciar o deus Amon com o fim do período de Amarna, aqui ainda há a presença de Aton neste, tornando-o “Tutankhaton”.

¹¹ No original: “*King’s Son of his Body, his beloved, Tutankhuaten*” (Dodson, 2020, p. 47).

¹² Abreviação utilizada pelo autor para indicar o túmulo de nº 55 do *Vale dos Reis*, região na qual se localizam diversas tumbas da realeza e da elite do Reino Novo entre a 18ª e a 20ª Dinastia.

Jovem”¹³ encontrada no túmulo KV35¹⁴ Nessa lógica, Dodson esclarece que três gerações de casamentos entre primos de primeiro grau — o que ele acredita ser o caso de Nefertiti e Akhenaton — são capazes de gerar o mesmo material genético na última delas do que um relacionamento entre dois irmãos. Logo, se Nefertiti foi realmente uma prima de Akhenaton, Dodson indica que ela pode ser também a Dama Jovem do túmulo KV35 e a mãe de Tutankhamon.

Parte do capítulo se dedica a abordar a mudança para Akhetaton, acontecimento que Dodson sugere ter sido motivado pela hostilidade às novas ideias do faraó. Junto a isso, o capítulo cita as transformações artísticas realizadas no período, com distorções que se afastaram ao máximo de quaisquer traços que remetessem ao humano no início, que o autor sugere serem empregadas com intenção de “chocar” o observador para separar a família real das demais pessoas, mas que vão sendo incorporadas ao estilo clássico conforme a Reforma de Amarna segue seu fluxo.

O terceiro capítulo do livro, *To Crowned Queen and Pharaoh*¹⁵, apresenta as mortes de Neferneferure, Setepenre e Meketaton. O falecimento em série das três se deu no ano 12 do reinado, brevemente após uma grande celebração que trouxe indivíduos de várias regiões para a corte, e Dodson (2020) menciona a existência de uma sugestão de que tal festa teria colocado a família real em contato com alguma doença agressiva (p. 65-66), o que ligaria as mortes das filhas de Nefertiti e Akhenaton ao óbito da rainha-mãe Tiye, que parece ter ocorrido em um período próximo.

Nessa seção, Dodson ainda discute uma possível presença de Nefertiti na corregência do trono. O autor cita a descoberta recente de dois novos faraós que assumiram tal posto, Smenkhkare, um homem e provável marido de Meritaton, e Neferneferuaton, uma mulher. Ela foi referenciada em uma caixa

¹³ No original: “*Younger Lady*”.

¹⁴ Abreviação utilizada pelo autor para indicar o túmulo de nº 35 do *Vale dos Reis*.

¹⁵ “Para Rainha Coroada e Faraó”.



encontrada na tumba de Tutankhamon, sendo chamada como um faraó de nomes Ankhkheperure-mery-Neferkheperure e Neferneferuaton-mery-Waenre.

Embora Smenkhkare também fizesse uso do prenome Ankhkheperure, a noção de que Neferneferuaton não foi um faraó homem se concentra na maneira em que seus epítetos “a chamam de ‘amada’ de uma ou outra metade do prenome de Akhenaton”¹⁶ (Dodson, 2020, p. 73), e na adição de um “t” ao prenome em molduras de anéis pertencentes a Amarna, o que o faria indicar uma mulher. Para Dodson, aliadas ao fato de que a rainha já usava esse nome, essas questões figuram como indicações de que ela seria a própria Nefertiti.

Segundo o autor, Smenkhkare foi co-regente de Akhenaton entre os anos 13 e 14 de reinado, o que foi seguido por um novo governo individual deste último nos anos 15 e 16, enquanto Neferneferuaton compartilhou o trono com o marido por quinze meses antes da morte deste, sendo também co-regente de seu sucessor, Tutankhamon, até o seu terceiro ano de reinado (Dodson, 2020, p. 83). Assim, de acordo com Dodson, Nefertiti teria atingido não somente o posto de rainha consorte do Egito, mas também o de faraó. Apesar disso, Neferneferuaton provavelmente não viu seu reinado chegar ao fim em um cenário pacífico e não foi enterrada como rei, uma vez que, embora a faraó tenha tido um equipamento funerário de rei construído para si, ele nunca foi utilizado em sua morte, sendo reconstruído para Tutankhamon.

O quarto capítulo, Limbo, é o mais breve de toda a obra e discorre acerca do retorno à normalidade pós-Amarna, que contou com um grande empenho em apagar o período, Nefertiti, e Akhenaton da memória egípcia, incluindo a destruição de estátuas e monumentos e a mutilação de imagens do casal real. O esforço foi tão intenso e exitoso que listas de reis em templos da 19ª Dinastia, como os de Seti I e Ramsés II, simplesmente passavam de Amenhotep III para Horemheb, um funcionário militar de categoria elevada que foi o último faraó da dinastia anterior, dando a impressão de que os reinados do culto solar nunca

¹⁶ No original: “[...] that call her ‘beloved’ of one or another half of Akhenaten’s prenomen” (Dodson, 2020, p. 73).

existiram. O capítulo também aborda os prováveis destinos dos corpos da família real de Amarna.

O quinto capítulo, *Resurrection*¹⁷, realiza um apanhado sobre os primeiros trabalhos relacionados ao Egito Antigo, as primeiras descobertas sobre Amarna, e o início da popularidade do período na década de 1890, a partir das escavações de Petrie e da tradução das Cartas de Amarna, conjunto de documentações diplomáticas da época, para o alemão e o inglês, e do Grande Hino ao Aton para o inglês (Dodson, 2020, p. 116). Nessa seção, Dodson ainda cita o descobrimento do busto de Nefertiti e sumariza as disputas em torno de sua posse. Atualmente, a peça se encontra no Neues Museum, em Berlim. O capítulo expõe como se deram as discussões sobre a diferenciação entre Smenkhkare e Neferneferuaton, a constatação de que esta última era uma mulher, e as teorias sobre sua identidade pertencer ou não a Nefertiti.

Além disso, Dodson elenca quais foram as primeiras obras sobre a rainha, cuja produção se intensifica a partir da década de 1920, com o primeiro livro completo dedicado a ela sendo publicado em 1964. Por fim, na quinta seção o autor também relata como Nefertiti se tornou uma das figuras mais populares de Amarna: a princípio, pela beleza identificada no busto e no significado de seu nome, embora com o passar dos anos e o desenvolvimento de novas pesquisas, sua possível presença nos campos político e religioso também tenha passado para o centro das atenções. A obra conta ainda com uma cronologia do Egito Antigo aplicada por Dodson ao longo de suas discussões.

Nefertiti, queen and pharaoh of Egypt: Her life and afterlife se destaca entre as obras que tratam do Período de Amarna não só por examinar a figura da rainha egípcia em específico, mas principalmente pela qualidade das discussões elaboradas por Dodson, que constrói um diálogo enriquecedor com o leitor a partir do cruzamento de diversos estudos que culmina em análises próprias sem deixar de lado o rigor exigido.

¹⁷ “Ressurreição”.



Isso se nota na medida em que, apesar de nos apresentar uma enxurrada de informações sobre um período tão singular, o autor consegue organizar e expor os dados de maneira extremamente didática, mas sempre deixando claro como e porque faz as conexões que escreve. Assim, Dodson cria uma produção de relevância científica, mas que mantém uma linguagem acessível. Outro ponto positivo do livro é como este não se apega a noções orientalistas acerca do Antigo Egito e, principalmente, de Amarna e do próprio casal real, expondo as nuances do tema sem projetar um exotismo em suas entrelinhas.

Além disso, para que o autor consiga explorar os estudos sobre Nefertiti de maneira satisfatória, ele obrigatoriamente precisa passar pelas especificidades de Amarna, tornando o livro também uma síntese do período. Em uma das obras mais recentes sobre Nefertiti, Dodson consegue trazer uma produção que se torna uma ótima leitura introdutória para quem deseja investigá-la em um âmbito mais aprofundado, ou para aqueles motivados por mera curiosidade, e que certamente enriquece o debate em relação ao período em que a rainha viveu.

REFERÊNCIAS

DODSON, Aidan. *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009.

DODSON, Aidan. *Amarna Sunrise: Egypt from Golden Age to Age of Heresy*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2014.

DODSON, Aidan. *Nefertiti, Queen and Pharaoh of Egypt: her life and afterlife*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2020.

GRAVES-BROWN, Carolyn. *Dancing for Hathor: Women in Ancient Egypt*. Londres: Continuum, 2010.

CHAPOT, Gisela. *A família real amarniana e a construção de uma nova visão de mundo durante o reinado de Akhenaton (1353-1335 a.C)*. 2015. 436 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.